

O ENCONTRO MARCADO

Tocada pela palma da mão, a porta abriu-se vagarosamente, rangendo nas dobradiças mal engraxadas. Ele deu um passo para dentro. Viu a sala que estava numa quase obscuridade fresca e reconfortante, com a grossa cortina da janela fechada.

Olhou em torno. Haveria alguém ali? O silêncio era completo, nem mesmo se ouvia o tique-taque do pêndulo de algum relógio de parede, ou o zumbido de uma mosca.

Foi entrando cautelosamente e vasculhou todos os cômodos. A casa estava vazia, não havia ninguém. No entanto, ainda se encontrava no bolso de seu paletó o bilhete: “Venha, que me encontrará”. E não havia dúvida de que o endereço era aquele mesmo: lera-o muitas vezes e o havia decorado.

Tinha sido um encontro afinal marcado, depois de tantas vacilações entre ambos. Durante muito tempo haviam se visto apenas à distância, embora reiteradamente, em muitos lugares da cidade. Olhavam-se, e ele sentia um frêmito no corpo; em seguida, ela ia embora, e ele permanecia parado, na calçada. Até que trocaram algumas palavras, quase sussurradas. Ela achava que um encontro com ele, ambos a sós, e num espaço fechado, seria inconcebível. Mas afinal, meses depois, passou-lhe o bilhetinho, com o endereço da casa e a hora marcada.

Era um dia ensolarado, e não havia muita gente nas ruas. Mesmo assim, ele dera voltas e mais voltas, para ver se não era seguido ou observado, antes

de chegar ali. Talvez ela se atrasara, e ainda chegaria se ele tivesse paciência de a esperar.

Foi sentar-se no sofá, e aguardou.

Supunha que a casa não fosse dela. Deveria ser de alguma amiga. Os cômodos todos muito limpos, sem pó nos móveis. Nenhum retrato, nenhum quadro nas paredes. Uma estante envidraçada, com livros. Uma casa neutra. Também o bairro parecia adormecido no tempo. Não vira ninguém em nenhuma janela das outras casas, ou caminhando pela rua.

Permaneceu ali muito tempo, esperando-a, e chegou a adormecer no sofá. Até que a noite veio e a sala mergulhou ainda mais na escuridão.

Ela não viria mais. Notou então que não havia telefone em nenhum cômodo. Se houvesse, provavelmente ela lhe teria telefonado, dizendo que não poderia vir, já que não tinha lhe dado o número de seu celular. Não naquele dia, talvez em outro. Mas, esperava ainda a encontrar furtivamente, como já acontecera, e certamente então ela lhe explicaria por que não viera.

Ergueu-se do sofá e esticou os braços. Não estava aborrecido. Ainda haveria outros dias e nova oportunidade.

Saiu pela mesma porta através da qual havia entrado, deixando-a encostada. O mesmo ruído das dobradiças.

Outra vez, não viu ninguém na rua que a noite cobria.

Todavia, nos outros dias, e durante meses, não mais a viu, nos lugares onde costumava encontrá-la.

Nunca mais a viu.

Muito depois, achou de voltar à casa onde estivera, para o encontro marcado.

Diferentemente, a rua tinha muita gente. Lojas abertas, bares movimentados, pessoas espiando pelas janelas.

No lugar onde havia a casa não havia casa alguma. Era apenas um terreno baldio, onde o capim medrava.

Antonio Carlos Augusto Gama

Promotor de Justiça, aposentado